

A MISERICÓRDIA NA SAGRADA ESCRITURA

PE. DR. ELI GOMES FERREIRA

Uma reflexão muito mais do ponto de vista da Teologia sistemática do que da exegese bíblica. Todavia, vou tentar transitar pela teologia bíblica, detendo-me na compreensão do tema *Misericórdia*.

Eu gostaria de fazer minhas as palavras do padre Raniero Cantalamessa: "*Certamente, nunca foi ignorada, no cristianismo, a misericórdia de Deus! Mas a ela se confiou apenas a incumbência de moderar os rigores da justiça. A misericórdia era a exceção, não a regra. O ano da misericórdia é a ocasião de ouro para trazer à luz a verdadeira imagem do Deus bíblico que não só faz misericórdia, mas é a misericórdia*"¹⁹.

Uma palavra de Carlo Cafarra: "*Uma misericórdia que perdoa sem nenhuma cooperação do homem é indigna do Mistério de Deus. A afirmação de um atributo divino não implica a negação dos outros: a Justiça divina, a sua Santidade. Não vemos como se identificam, mas é certo de que um não nega o outro*"²⁰.

Aquilo que Søren Aabye Kierkegaard (†1855 - filósofo e teólogo dinamarquês) censurava ao protestantismo do seu tempo, a *graça barata*, é uma armadilha sempre presente.

Do ponto de vista humano, é fácil cair hoje no conformismo ao *mainstream*²¹ mundano. Segundo ele, o bem da pessoa coincide com o seu bem-estar psicológico. Por isso desapareceu aquele "diante de Deus" que constitui a esplêndida grandeza da nossa liberdade e da nossa consciência.

1. Importância do tema

Misericórdia - um tema que é central na Bíblia, seja no Antigo como no Novo Testamento, e é fundamental, oportuniíssimo, em nosso XX Congresso Teológico. Se se quisesse, se poderia dizer que é possível resumir todo o Evangelho sob o título da Misericórdia. É o termo-chave do presente Pontificado. E com esta mensagem, o Papa

¹⁹ R. CANTALAMESSA, *A misericórdia salvará o mundo*, in «L'Osservatore Romano», Città del Vaticano, 31 março 2016, pp. 4.

²⁰ Carlo Cafarra, *apud* J. MENDINA, *Arrependimento. Porta da Misericórdia*, Col. Magistério dos Bispos 4, (trad. H. CAVALCANTE) São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2014, pp. 4-5.

²¹ É um conceito inglês que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. A tradução literal de *mainstream* é "corrente principal" ou "fluxo principal".

Francisco tem tocado o coração de muitíssimas pessoas na Igreja católica e também fora dela. Quem não tem necessidade de misericórdia e de homens misericordiosos?

Um renomado teólogo dizia-se surpreso quando convidado a apresentar uma conferência sobre a misericórdia, pois não conseguia fazê-la vir à luz. Foi consultar os manuais teológicos e os artigos sobre a misericórdia nos léxicos teológicos, mas, segundo ele, não foram de grande ajuda. E ele dizia: "Isso não pode ser verdade, que um tema tão central e fundamental seja imperdoavelmente pouco cuidado na teologia sistemática e reduzido a um pequeno subtítulo da justiça, sobre o qual os autores, não raramente, mostram dificuldades. Se perguntam: em que modo um Deus, que é primariamente justo, possa ser misericordioso, porque, enquanto é justo, Ele deve condenar e punir os maus e premiar os bons. Mas a misericórdia não é só um problema da teologia dos manuais neo-escolásticos, mas é também um problema da filosofia, ou para melhor dizer, de algumas tendências filosóficas. Para Immanuel Kant, por exemplo, a ética deve ser guiada não por emoções, como a misericórdia e a compaixão, mas pela mesma consciência do dever moral. Pensemos também nas filosofias de tipo marxista ou socialista, que suspeitam que a misericórdia seja um substituto da justiça, a tentativa de remendar buracos individuais de necessidade social ao invés de reformar o mesmo sistema social e criar uma nova ordem de justiça para todos. Sentimos o grito: não queremos misericórdia, não, queremos justiça, queremos os nossos direitos. Não queremos um Estado ou um empreendedor, que nos faça misericordiosamente a esmola, não, temos direito a um estipêndio justo! É bom que o nosso sistema político seja baseado sob o ideal da justiça e somos gratos por isso. Porém, o nosso sistema econômico e social é também baseado sobre a competição. (*Mors tua, vita mea*). Não há espaço para a compaixão e a misericórdia. Prevalece o mais inteligente que tem mais sucesso, prevalece muitas vezes o mais forte e o mais esperto, que tem a capacidade de impor-se contra os interesses dos outros. Vemos prevalecer na nossa sociedade tendências sociais darwinistas, ou seja, o direito do mais forte e a afirmação sem reservas dos próprios interesses egoístas. A Palavra de Jesus no seu Sermão da Montanha: *Bem aventurados os misericordiosos*, soa estranha neste contexto.

Por último, Friedrich Nietzsche desprezou a misericórdia, como expressão de fraqueza, indigna do homem superior (*Herrenmensch*) forte e duro. Nietzsche, no seu *Assim falou Zarathustra*, desenhava um verdadeiro contra-Evangelho ao Sermão da Montanha. As consequências do nazismo, ou melhor, os abusos que

praticaram os nazistas, foram terríveis com a sua ideologia da raça superior e o desprezo pelos fracos, dos deficientes, das consideradas raças indignas da vida.

Foram as ideologias do marxismo e do nazismo que devastaram tanto o século XX e que causaram tanta dor a milhares de homens, que levaram a um repensar da ideia de misericórdia. Um mundo sem compaixão e sem misericórdia é um mundo frio. Existem testemunhos desconcertantes a propósito da miséria humana e o desespero no qual se encontrava o mundo ateu do marxismo da União Soviética, onde se vivia na total ausência de misericórdia. Consequentemente, com o fim da misericórdia se perde também a justiça.

O Papa João XXIII, no seu discurso de abertura do Concílio Vaticano II, disse: *Hoje a Igreja prefere usar a medicina da misericórdia mais que da severidade*. O futuro Papa, São João Paulo II viveu o terror da Segunda Guerra Mundial, a ditadura nazista e comunista na Polônia, uma situação de injustiça, de falta de direito e de misericórdia. Em tal situação descobriu de novo a importância da misericórdia bíblica e promulgou a segunda encíclica de seu Pontificado sobre o tema da misericórdia, *Dives in misericordia*. Como resposta aos terrores do século passado, o Papa Bento XVI aprofundou essa mensagem na sua encíclica *Deus caritas est*.

Agora o Papa Francisco fez da misericórdia o tema central e fundamental do seu Pontificado. Também nele há um fundo de experiência pessoal. Nas periferias de Buenos Aires encontrou gente que se sente considerada como descarte, homens e mulheres, crianças e anciãos que são excluídos do progresso econômico e cultural, crianças de estrada, muitas vezes abusadas. Também hoje se fala de ao menos 12 milhões de escravos a nível mundial, seres humanos que são constrangidos a viver em situações miseráveis e são constrangidos a trabalhos forçados. E estamos testemunhando a situação de milhões de pessoas expostas ao terrorismo brutal e cínico, a situação dos refugiados nas mãos dos traficantes sem consciência. O tema da misericórdia não é superado, a mensagem da misericórdia é de grande atualidade.

2. Misericórdia na Sagrada Escritura

Antes ainda, gostaria de fazer uma comparação. O **Alcorão** participa, de uma certa maneira, da tradição bíblica. Cada *Sura* corânica (salvo uma exceção), inicia com a invocação de *Allá Onipotente e Todo Misericordioso*. Há portanto, semelhanças com a concepção bíblica da misericórdia, semelhanças que são importantes para o diálogo inter-religioso e para auto-compreensão do Islã que contradiz o terrorismo.

Todavia, lá onde aparece a **semelhança**, aparece também a **dessemelhança** decisiva entre a Bíblia e o Alcorão. De fato, a concepção de Allá como Deus não é a mesma que se tem de YHWH no Antigo Testamento e do Deus Pai de Jesus. Um Deus que em razão de sua misericórdia, se abaixa até o ponto de se tornar homem e morrer sobre a cruz, uma tal concepção é totalmente inimaginável para o Islã, antes, ela é fortemente refutada e considerada em estreita contradição com a transcendência absoluta de Deus.

Assim, já a este ponto se evidencia que com a ideia da misericórdia não só a concepção do homem como ser *com* e *para* os outros, mas também a concepção judeu-cristã de Deus mesmo entra em jogo. Com a misericórdia tocamos a verdadeira identidade do cristianismo. Ela pressupõe um fundamento geral, que remete à criação do homem, para a qual *não é bom que o homem esteja só*.

2.1 Misericórdia no Antigo Testamento

Portanto, se abrimos a Bíblia, encontramos já nas primeiras páginas que Deus criou tudo bem ("*Viu que era bom*"). Mas, através do pecado entrou o caos no mundo. Nos primeiros capítulos da Bíblia não encontramos ainda a palavra *misericórdia*. Todavia, encontramos que Deus desde o início resistiu ao mau e ao caos.

- Depois do dilúvio, garantiu a ordem do mundo e deu ao homem um espaço de vida e de sobrevivência (Gn 8-9). Deus quer proteger a vida e também depois do pecado dá um novo início, uma nova *chance*.
- O mesmo se vê depois do desastre da Torre de Babel e a desagregação e a dispersão dos homens.
- Com Abraão, Deus iniciou uma nova história e uma nova congregação e reunião de toda a família humana. A bênção dada a Abraão era uma bênção para todas as nações: "*Em ti todas as nações serão abençoadas*" (Gn 12,3; 18,18; 22,18; 28,14 *et al.*).
- Também aqui o termo *misericórdia* não aparece ainda, embora a realidade da misericórdia é já presente. Deus não quer a morte, mas a vida. Deus não abandona a sua criatura, não abandonará jamais o homem. Deus oferece sempre uma nova *chance*.
- **Uma nova etapa na história da salvação** se dá com Moisés e a libertação do povo de Israel do Egito. Deus se revela a Moisés

na sarça ardente como Deus escuta o grito do seu povo e que vê a sua miséria. **Notemos:** *Deus escuta, Deus vê*; o seu coração está com os homens (Ex 3,14). O **seu nome**, que revela a Moisés, YHWH (Ex 3,14) na **LXX** e na **Vulgata** é traduzido: "*Sou quem sou, sou o ser*" (**ho òn**).

- Desta tradução brotam toda a doutrina de Deus e o conceito metafísico de Deus como ser absoluto. Este conceito não está errado. Na verdade, **o significado original de YHWH significa:** "*Eu sou estarei presente, eu sou e estarei convosco; eu sou o vosso Deus e vós sois o meu povo*" (Ex 6,7).

- Com o seu nome Deus mostra comoção e sensação dolorosa. Deus é o Deus que caminha com o seu povo e o acompanha sobre o caminho da sua história. Ele é o Deus que libera o seu povo.

- **Na segunda revelação Deus diz a Moisés:** "*A quem quero fazer graça e de quem quero ter misericórdia, terei misericórdia*" (Ex 33,19).

- **Misericórdia**, portanto, não é só expressão de uma complacência, mas de soberania, de liberdade, de independência e de senhoria. O significado metafísico está implicitamente presente.

- **O significado bíblico, porém, é mais dinâmico e pessoal.** Enquanto Deus é Deus, Ele é também **misericordioso**. Enquanto Deus é **absoluto**, Ele é também **misericordioso**.

- **A misericórdia é o seu ser absoluto.**

- **Um terceiro aspecto ocorre na terceira revelação a Moisés:** "*YHWH é um Deus misericordioso e piedoso, lento para a ira e rico de amor e de fidelidade*" (Ex 34,6).

- **Agora a misericórdia não é só expressão da soberania e da liberdade, mas também da fidelidade de Deus.** A Ele podemos confiar-nos em toda a situação.

- **NA BÍBLIA a fórmula da terceira revelação deve ser considerada como nome de Deus e quase como definição de sua essência.**

- Portanto, no ANTIGO TESTAMENTO, sobretudo nos *Salmos*, é sempre novamente repetida (Dt 4,31; Sl 86,15; 103,8; 116,5; 145,8 *et al.*).

O ÁPICE DA REVELAÇÃO

antigo testamentária da **MISERICÓRDIA DE DEUS**

se encontra no profeta Oséias.

O profeta Oséias viveu e atuou em uma situação dramática. À dramaticidade da sua situação corresponde a dramaticidade de sua mensagem. O povo infligiu a aliança e se tornou uma prostituta desonrada. Por isso, Deus rompeu com o seu povo e decidiu de não mostrar mais nenhuma misericórdia ao povo infiel. O seu povo não é e não será mais o seu povo (Os 1,6.9).

Toda a aliança parece finita, e não se entrevê mais algum futuro. Mas depois acontece uma reviravolta dramática:

"O meu coração se revolta contra mim"

Mais corretamente é oportuno traduzir: Deus inverte a própria justiça, por assim dizer, a lança fora. O lugar do desconcerto aniquilador é tomado pelo desconcerto em Deus mesmo. A sua compaixão explode e Nele a misericórdia prevalece sobre a justiça. A motivação deste desconcerto manifesta todo o abismo do mistério divino:

"Porque sou Deus e não um homem;

sou o Santo em meio a ti e não virei a ti na minha ira" (Os 11,9)

Com esta afirmação surpreendente se entende isso:

- A santidade de Deus, o seu ser totalmente diverso de todo o humano, não se manifesta na justa ira e nem mesmo na sua transcendência inacessível e insondável ao homem:

- ***O ser de Deus se manifesta na sua misericórdia. (ad extra)***
- ***A misericórdia é expressão da sua essência divina.***
- ***A misericórdia O distingue completamente dos homens e O eleva além de todo o humano.***

- ***Ela é a sua sublimidade e a sua soberania.***

O profeta Miquéias diz:

"Ele se compraz em manifestar o seu amor" (Mq 7, 18)

Os *Salmos*, tantos deles louvam a misericórdia.

Creio que ficou bem evidenciado que o Antigo Testamento não é, como muitos suspeitam, só uma mensagem de justiça, ou de vingança e de ira de Deus. O Antigo Testamento já prepara a mensagem de Jesus e do Novo Testamento sobre a misericórdia de Deus.

Neste passo, gostaria de valorizar a **Nota 52** da Encíclica *Dives in Misericordia* (Vide Anexo 1).

"A misericórdia é apresentada em cada um dos livros do Antigo Testamento com grande riqueza de expressões. Seria difícil, talvez, procurar nestes livros resposta meramente teórica à pergunta: o que é a misericórdia em si mesma? Contudo, a própria terminologia que neles é usada pode dizer-nos muitíssimo a tal respeito" (DM, 4).

Por exemplo:

Hesed (Os 11,4) *Hemet* (Sal 89,2) e (Ger 31,3) *Rahamim* (Is 49,15 e 54,10) *Hanan Hamal* (Is 63,7-9.19) *Hus* (Ez 20,14.22.44). *Hen*

A misericórdia de Deus no Antigo Testamento:

a) No primeiro êxodo e na aliança sinaítica, misericórdia como:

- *Proximidade divina* (Ex 3,7-8.10).
- *Apelo* (Ex 3,7).
- *Descida* (Ex 3,8).
- *Envio* (Ex 3,10).

b) No segundo êxodo e no anúncio profético da Nova Aliança, misericórdia como:

- *Renascimento* (Jr 31, 31-34).
- *Renovação do coração* (Jr 31, 31-32).
- *Perdão do pecado* (Jr 31, 33).
- *Conhecimento de Deus* (Jr 31, 34).

c) Nos livros sapienciais: Misericórdia como:

- *Nova criação* (SI 8).
- *Na solidão* (SI 8,2-3).
- *Dentro do universo* (SI 8,4-5).
- *Sobre o cosmo* (SI 8,6-10).

Na Sagrada Escritura o termo *misericórdia*²² traduz a palavra hebraica *rahamim* plural de *reham* que significa "útero", mais genericamente as "vísceras". Eis, porque na língua hebraica o termo *misericórdia* é sinônimo de *ternura*, de *amor materno*, *visceral*, um *afeto profundo do coração*. **Ter misericórdia significa, portanto, amar o outro com um amor compassível, pronto ao perdão, pronto a dobrar-se sobre quem tem necessidade, ter o coração voltado para o humilde.** Em hebraico *misericórdia* é *hesed* (ἔλεος / èleos, em grego - tradução LXX - *misericórdia*: trad.: Vulgata) e tem as suas raízes na aliança entre duas partes e na consequente solidariedade de uma parte para com aquela em dificuldade. Tem sempre por fundamento a fidelidade a um empenho. Quer traduzir uma bondade consciente e querida, como resposta a um dever interior, como *fidelidade a si mesmo*²³. A *misericórdia*, portanto, se encontra entre a *compaixão e a fidelidade* como é atestado em Isaías 49,15:

“Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta?

Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas?

E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca.”

²² Importa contextualizar o termo *hesed* à família de palavras em hebraico que remete a três raízes, precisa o teólogo Fernando Santamaria: *hânan*, *râham* e *hâsad*. Conjuntamente aparecem 369 vezes, isto sem considerar os textos que não correspondem ao original hebraico. Os significados destes três termos no Antigo Testamento (AT) convergem para a tradução como *misericórdia*, mas devido a riqueza e complexidade semântica aparecem, dependendo do contexto e tradução como *bondade*, *benignidade*, *solidariedade*, *graça*, *lealdade*, *agir lentamente*, *amor constante*, *ter misericórdia de*, *ser gracioso*, *misericordioso*, *favor*, *sentimento fraternal e maternal*, *terna misericórdia*, *devoção* e *generosidade* (cf. D. CERBELAUD, “Misericórdia”, in *Dicionário Crítico de Teologia*, São Paulo: Loyola, 2004, p. 1150; J. HOAD, , “Misericórdia”, “Misericordioso”, in *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 1054).

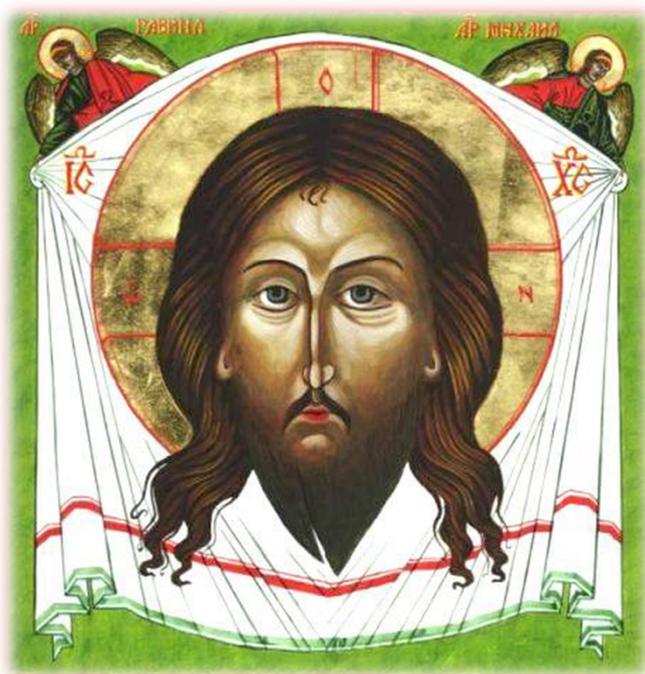
²³ Um autor americano, fundamentando-se na leitura de um rabino, Kamsler, problematiza a tradução *hesed* por ἔλεος, para exprimir "misericórdia", "compaixão" ou amor. Segundo ele, isso destruiria o conceito de reciprocidade (vide Nelson Glueck, *Hesed nella Bibbia*, Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1967). Assim, ele lê, por exemplo o Salmo 136: onde traduzimos por misericórdia, ele insiste em fidelidade, lealdade. Posteriormente, questiona a tradução que fazemos de Mt 9, 9-13, quando Jesus cita Os 6,6: *Misericordiam volo et non sacrificium*. Ele defende: *Quero hesed / lealdade e não sacrifício* (“Ἐλεος θέλω καὶ οὐ θυσίαν”). Ouvi um testemunho: *“Cos’è la felicità. La felicità è la fedeltà al compito ricevuto”* (Philip Goyret).

Na Bíblia não encontramos a expressão AMOR MISERICORDIOSO no sentido literal, senão em Lc 1,78:

Deus salva e perdoa "*graças à (sua) bondade misericordiosa*"; tradução latina: *viscera misericordiae (... per viscere misericordiae Dei nostri in quibus visitabit nos oriens ex alto)*; em hebraico: *rahamin* = vísceras maternas; em grego: *διὰ σπλάγχνα ἐλέους θεοῦ ἡμῶν*).

Todavia, "*Amor Misericordioso*" pode traduzir bem também duas outras expressões. A primeira é: **hesed we' emet** (= graça e fidelidade) mais de 30 vezes²⁴. Tratando-se de duas palavras coordenadas para exprimir um único conceito, é correta a tradução: **graça fiel**, isto é, **amor que para ser fiel em relação ao homem irremediavelmente pecador deve ser misericordioso**.

A outra expressão é: "*pleres χάριτος και ἀληθείας*" / πλήρης χάριτος και ἀληθείας; (o Verbo é "pleno de graça e verdade": Jo 1,14 e em seguida também em Jo 1,17). Também aqui nos encontramos diante a uma endíade que podemos traduzir com **amor verdadeiro**, isto é, **misericordioso**. Por meio de Moisés recebemos a lei, por Jesus recebemos o **Amor misericordioso**. Jesus, Amor misericordioso. Ele é



Misericordioso²⁵.

²⁴ Cf. Ex 34,6; 2Sm 2,6; 15,20; Sl 25,10; 40,11s; 85,11; Mq 7,20.

²⁵ Da iconografia bizantina: *Mandylion*, chamado na tradição russa *Salvador não feito por mão de homem*. O tipo iconográfico do Cristo Pantocrator (Χριστός Παντοκράτωρ), que se encontra frequentemente nos ícones de todo o mundo ortodoxo, vem às vezes identificado com outro nome. Assim, por exemplo, no ícone em mosaico da primeira metade do século XII conservado em Berlim, traz o epíteto de ΕΛΕΗΜΩΝ (**Misericordioso**) e no ícone de 1183 proveniente do mosteiro de São Neofita em Cipro tem o epíteto ΘΙΛΑΝΤΡΟΠΙΟΣ (Amante dos Homens).

Em síntese, os vocábulos que estão por trás da expressão *misericórdia*, portanto, são sete: *Hesed, emet, rahamim, hanan, hamal, hus e hen*, em torno a estes termos gira tudo quanto os autores sacros tentam dizer a respeito da *misericórdia de Deus na história da salvação*.

2.2 Misericórdia no Novo Testamento

No centro da mensagem de Jesus está a mensagem de Deus como **Abbà, Pai**. Recordaria a belíssima parábola de Jesus do filho pródigo, que muito mais deveria ser chamada parábola do pai misericordioso (*Lc 15,11-32*). É comovente: o pai espera o filho e vai ao seu encontro. Deus espera, nos espera, vem ao nosso encontro, nos abraça e restitui ao seu filho pródigo todos os seus direitos de filho. Deus particularmente veio ao nosso encontro com a missão do seu Filho único, que se abaixou e se tornou homem até à morte sobre a cruz (*F1 2,5-11*).



O crucificado é a imagem concreta da misericórdia de Deus.



Se pode recordar também a parábola do **bom samaritano**, que se tornou proverbial também fora do âmbito cristão e eclesial (*Lc 10,25-37*).



Esta parábola demonstra uma inversão e conversão da perspectiva, uma verdadeira mudança de paradigma. À pergunta: «Quem é o meu próximo?», Jesus não responde com uma dedução de altos princípios, mas imagina a situação de um homem que sofre e que não pode mais ajudar a si mesmo, um homem que encontro e conheço no meio da estrada. Este homem sofredor é a interpretação da vontade concreta de Deus para mim.

Interpretando de modo concreto a vontade de Deus, seria errado entender a mensagem da parábola no sentido de um humanismo universal.

A parábola ilustra o **comportamento de Jesus** que, de sua parte, é manifestação do **comportamento de Deus** e que pôde dizer de si: «**Eu sou manso e humilde de coração**» (Mt 11,19).

Finalmente, Jesus sacrificou a sua vida «para resgatar muitos», isto é, por cada um de nós e por todos nós (Mc 10,45; cfr. 1 Tim 2,3). Essa morte vicária de Cristo, que comemoramos e se torna presente toda vez na celebração eucarística, não tem só o significado de solidariedade conosco, não é só uma realidade moral. De fato, não existe só a necessidade social e moral. Mais profunda é a necessidade metafísica: o destino da morte, que põe na sua profundidade a pergunta sobre o significado da nossa vida. Através do pecado ganhamos a morte (Gn 2,17; Rm 5,12). Da morte não podemos libertar-nos por nós mesmos. Nós somos a presa da morte, a morte é o nosso destino. Só Deus, que é Senhor da vida e da morte, pode vir em nosso socorro e libertar-nos.

Em Jesus, Deus mesmo por sua misericórdia *per la* sua misericórdia veio ao nosso encontro, assumindo o nosso lugar. Enquanto era Deus, a morte não prevaleceu sobre Ele. Assim, por meio de sua morte destruiu a morte e a vida venceu (cf. a liturgia pascal). Jesus Cristo sacrificou a sua vida para vivermos.

A justificação do pecador – o grande tema de Lutero e da Reforma, hoje ainda pouco entendido – significa isto: normalmente o culpado deve ser condenado à morte, porém nós, graças à misericórdia de Deus, fomos, na esperança, salvos (*SPE SALVI facti sumus* - Rm 8,24). Fomos absolvidos, libertados da morte e chamados à liberdade cristã (Gal 5,1).

Assim, a mensagem da misericórdia toca o centro da teologia e da soteriologia e, podemos também dizer, toca o centro da existência humana e cristã.

Por isso, em toda situação humana, e mesmo na situação da nossa morte, esperamos cair nas mãos de Deus misericordioso.

A *Carta aos Efésios* resume tudo isso nas palavras: «*Deus autem, qui **divis in misericordia**, propter nimiam caritatem suam, qua dilixit nos*» (Ef 2,4). - "... Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos..."

Com esta frase termino a reflexão bíblica.

Gostaria tão-somente acrescentar algumas palavras-testemunho, para a nossa edificação.

3. Ulteriores reflexões

Palavras do Padre Raniero Cantalamessa pronunciadas no último dia 25 de março, na Basílica de São Pedro, diante do Santo Padre Papa Francisco: *A misericórdia salvará o mundo!*²⁶

"Chegou o momento de nos darmos conta de que o oposto da misericórdia não é a justiça, mas a vingança. Jesus não opôs a misericórdia à justiça, mas à lei de talião: *Olho por olho, dente por dente*. Perdoando os pecados, Deus não renuncia à justiça; não quer a morte do pecador, mas que ele se converta e viva (cf. Ez 18,23). Jesus na cruz não pediu ao Pai que se vingasse da sua causa. (...) Pediu: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem* (Lc 23,34). Por muito que se possa expandir o ódio dos homens, o amor de Deus foi, e será, sempre mais forte. É dirigida a nós, nas atuais circunstâncias, a exortação do apóstolo Paulo: *Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem* (Rm 12,21).

Devemos desmetizar a vingança! Ela tornou-se um mito alastrador que contagia tudo e todos, começando pelas crianças. Grande parte das histórias nas telas e dos jogos eletrônicos são histórias de vingança, disfarçadas de vitória do herói bom. Metade, ou até mais, do sofrimento que existe no mundo (quando não se trata de males naturais), vem do desejo de vingança, quer entre os Estados e os povos.

Foi dito que *a beleza salvará o mundo* (Dostoievski, *O idiota*, terceira parte, quinto capítulo); mas a beleza pode também levar à ruína. Há uma só coisa que pode deveras salvar o mundo, a misericórdia! A misericórdia de Deus pelos homens e dos homens entre eles. Ela pode salvar, em particular, o que há de mais precioso e frágil, neste momento, o matrimônio e a família.

²⁶ R. CANTALAMESSA, *A misericórdia salvará o mundo*, in «L'Osservatore Romano», Città del Vaticano, 31 março 2016, pp. 4 e 9.

Acontece no matrimônio algo semelhante ao que aconteceu nas relações entre Deus e a humanidade, que a Bíblia descreve, precisamente, com a imagem de umas bodas. No início de tudo, dizia, está o amor, não a misericórdia. Esta só intervém depois do pecado do homem. Também no matrimônio, no início não há a misericórdia mas o amor. As pessoas não se casam por misericórdia, mas por amor. Mas depois de alguns anos, ou meses, de vida juntos, revelam-se os limites pessoais, os problemas de saúde, do dinheiro, dos filhos; intervém a rotina, que apaga toda alegria.

O que pode salvar um matrimônio para que não escorregue por um declive sem possibilidade de retroceder é a misericórdia, entendida no sentido completo da Bíblia, ou seja, não apenas como perdão recíproco, mas como um "*revestir-se de sentimentos de ternura, de bondade, de humildade, de mansidão e de magnanimidade*" (Cl 3, 12). A misericórdia faz com que ao *èros* (amor entre o homem e a mulher) se junte o *ágape*, ao amor de busca, o de doação e de compaixão. Deus tem piedade do homem (Sl 102,13): não deveria marido e mulher ter piedade um do outro? E não deveríamos, nós que vivemos em comunidade, ter piedade uns dos outros, em vez de nos julgarmos? **Rezemos:**

Pai celeste, pelos merecimentos do teu Filho que na cruz *se fez pecado* por nós, afasta do coração das pessoas, das famílias e dos povos, o desejo de vingança e faz-nos enamorar da misericórdia. Faz com que a intenção do Santo Padre ao proclamar este Ano Santo da Misericórdia, encontre uma resposta concreta em nosso coração e leve todos a experimentar a alegria de se reconciliar contigo no fundo do coração. Assim seja!

Numa recente homilia, o Santo Padre recordava as palavras de São João: *Muitos outros sinais miraculosos realizou ainda Jesus, na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro* (Jo 20,30). E acrescentava: "O Evangelho é o livro da misericórdia de Deus, que precisamos ler e reler, porque tudo o que Jesus disse e fez é expressão da misericórdia do Pai".

"Nem tudo, porém, foi escrito; o Evangelho da misericórdia permanece *um livro aberto*, onde se há de continuar a escrever os sinais dos discípulos de Cristo, gestos concretos de amor, que são o melhor testemunho da misericórdia"

"Todos somos chamados a tornar-nos escritores viventes do Evangelho, portadores da Boa Nova a cada homem e mulher de hoje".



Sette Opere di Misericordie

Michelangelo Merisi da Caravaggio - 1606-1607



Um jornalista perguntou ao Cardeal Angelo Amato: *Há santos que se distinguem de modo particular pela misericórdia?*

Ele respondeu: "Se quiséssemos mencionar algum nome, citaria, por exemplo, madre Teresa de Calcutá, que será canonizada a quatro de setembro (...). Ela revelou o segredo do seu coração misericordioso no diálogo com um jovem sacerdote, Angelo Comastri, hoje cardeal. Num encontro fortuito, a irmã perguntou-lhe quase de surpresa:

"Quantas horas rezas todos os dias? O sacerdote, surpreendido, esperava uma chamada à caridade e um convite a amar mais os pobres. Ao contrário, a madre perguntava-lhe quantas horas rezava. Depois, pegando nas suas mãos, disse: Meu filho, sem Deus somos demasiado pobres para ajudar os pobres! Recorda-te: eu sou apenas uma pobre mulher que reza. Rezando, Deus põe o seu amor no meu coração e assim posso amar os pobres. Rezando!"

Para ela a misericórdia caía como chuva do céu da união com Deus na oração.

Depois de ter retirado o prêmio Nobel em 1979, na sua viagem de regresso de Oslo, madre Teresa passou por Roma. Os jornalistas precipitaram-se para a entrevistar e ela recebeu-os pacientemente pondo na mão de cada um uma medalha da Imaculada. A um jornalista que lhe manifestou a convicção de que depois da sua morte o mundo teria sido igual a antes, cheio de maldade, ela respondeu com simplicidade: *Veja, eu nunca pensei que podia mudar o mundo! Procurei apenas ser uma gota de água limpa, na qual pudesse brilhar o amor de Deus. Acha que é pouco?* Depois, no silêncio comovido dos jornalistas, prosseguiu: *Procure ser também o senhor uma gota limpa e assim seremos duas gotas. É casado? "Sim, madre!". Diga isto também à sua esposa, assim seremos três. Tem filhos? "Três filhos, madre". diga-o também aos seus filhos, e seremos seis!*²⁷

Em síntese, convidava ao contágio benéfico da misericórdia.

²⁷ N. GORI, *Como limão e mirto*, in «L'Osservatore Romano», Città del Vaticano, 7 abril 2016, p.10.



ALL FOR JESUS

POR FIM, um memorável pensamento de Dietrich Bonhoeffer (teólogo alemão, luterano, morto em 1945):



"Os misericordiosos sentem um amor irresistível pelos humildes, doentes e miseráveis, pelos que foram humilhados e sofreram violência, por quantos sofreram injustiças e foram oprimidos, por quem se atormenta e aflige; eles procuram quem caiu no pecado e na culpa. Nenhuma miséria é demasiado profunda, nenhum pecado demasiado terrível, para que não seja aplicada a misericórdia. O misericordioso faz dom da própria honra a quem caiu na ignomínia e a assume para si mesmo. Encontra-se com publicanos e pecadores e assume voluntariamente a vergonha da familiaridade com eles (...). Conhecem só uma dignidade e uma honra: a misericórdia do seu Senhor, a única da qual vivem"²⁸.



"Sendo instruído pela experiência que é mestra, cantarei a Ti, ó Senhor, não somente pelo julgamento, ou somente pela misericórdia, mas igualmente pela misericórdia e pelo julgamento"²⁹.

²⁸ Citado por D. VIGANÒ, *Saudades do silêncio*, in «L'Osservatore Romano», Città del Vaticano, 28 janeiro 2016, p. 4

²⁹ "Magistra instructus experintia, non iudicium iam solum aut solam misericordiam, sed misericordiam pariter et iudicium cantabo tibi, Domine " (In *Cantica Canticorum* VI, 9; SC 414, pp. 150-152).

ANEXO 1:

Nota 52 da Encíclica *Dives in Misericordia*.

Ao definirem a misericórdia, os Livros do Antigo Testamento servem-se sobretudo de duas expressões, cada uma das quais tem um matiz semântico diverso. Antes de mais, o termo **hesed**, que indica uma profunda atitude de «bondade». Quando esta disposição se estabelece entre duas pessoas, estas passam a ser, não apenas benévolas uma para com a outra, mas também reciprocamente fiéis por força de um compromisso interior, portanto, também em virtude de uma fidelidade para consigo próprias. E se é certo que hesed significa também «graça» ou «amor», isto sucede precisamente na base de tal fidelidade. O facto de o compromisso em questão ter um carácter, não apenas moral, mas como que jurídico, não altera a sua realidade. Quando no Antigo Testamento o vocábulo hesed é referido ao Senhor isso acontece sempre em relação com a aliança que Deus fez com Israel. Esta aliança foi da parte de Deus um dom e uma graça para Israel. Contudo, uma vez que Deus, em coerência com a Aliança estabelecida, se tinha comprometido a respeitá-la, **hesed** adquiria, em certo sentido, um conteúdo legal. O compromisso «jurídico» da parte de Deus deixava de obrigar quando Israel infringia a aliança e não respeitava as condições da mesma. E era precisamente então que hesed, deixando de ser uma obrigação jurídica, revelava o seu aspecto mais profundo: tornava-se manifesto aquilo que fora ao princípio, ou seja, amor que doa, amor mais potente do que a traição, graça mais forte do que o pecado.

Esta fidelidade para a «filha do meu povo» infiel (cf. Lm 4,3.6), em última análise é, da parte de Deus, fidelidade a si próprio. Isto aparece evidente sobretudo pela frequência com que é usado o **binômio hesed we'emet** (= graça e fidelidade), que se poderia considerar uma endíades (cf. p. ex., Ex 34,6; 2 Sam 2,6; 15,20; Sl 25[24],10; 40[39], 11 s.; 85[84],11; 138[137],2; Mq 7,20). «Eu faço isto, não por causa de vós, ó casa de Israel, mas pela honra do meu santo nome» (Ez 36,22). Assim, também Israel, embora sob o peso das culpas, por ter quebrado a aliança, não pode ter pretensões em relação ao hesed de Deus, com base numa suposta justiça (legal). **No entanto, pode e deve continuar a esperar e a ter confiança em obtê-lo, já que o Deus da aliança é realmente «responsável pelo seu amor»**. Fruto deste amor é o perdão e a reconstituição na graça, o restabelecimento da aliança interior.

O **segundo vocábulo** que na terminologia do Antigo Testamento serve para definir a misericórdia é **rah^amim**. O matiz do seu significado é um pouco diverso do significado de hesed.

- Enquanto **hesed** acentua as características da fidelidade para consigo mesmo e da «responsabilidade pelo próprio amor» (que são características em certo sentido **masculinas**),

- **rah^amim**, já pela própria raiz, denota o amor da mãe (**rehem**= seio materno). Do vínculo mais profundo e originário, ou melhor, **da unidade que liga a mãe ao filho, brota uma particular relação com ele, um amor particular**. Deste amor se pode dizer que é **totalmente gratuito**, não fruto de merecimento, e que, sob este aspecto, constitui uma necessidade interior: **é uma exigência do coração**. É uma **variante** como que «**feminina**» da fidelidade masculina para consigo próprio, expressa pelo **hesed**.

- Sobre este fundo psicológico, **rah^amim** dá origem a uma **gama de sentimentos**, entre os quais a

- bondade e a ternura, a paciência e a compreensão, que o mesmo é dizer a prontidão para perdoar.

❖ **O ANTIGO TESTAMENTO** atribui ao Senhor estas características quando, ao falar d'Ele, usa o termo **rah^amim**.

- Lemos em Isaías: «*Pode porventura a mulher esquecer-se do seu filho e não ter carinho para com o fruto das suas entranhas? Pois ainda que a mulher se esquecesse do próprio filho, eu jarnais me esqueceria de ti*» (Is 49,15).

Este **amor, fiel e invencível graças à força misteriosa, da maternidade**, é expresso nos textos do Antigo Testamento de várias maneiras:

- como salvação dos perigos, especialmente dos inimigos,
- como perdão dos pecados — em relação aos indivíduos e também a todo o povo de Israel— e, finalmente,

➤ como prontidão em satisfazer a promessa e a esperança (escatológicas), não obstante a infidelidade humana, conforme lemos em Oséias: «*Eu os curarei das suas infidelidades, amá-los-ei de todo o coração*» (Os 14,5).

Na terminologia do Antigo Testamento encontramos ainda outras expressões, que se referem de modo diverso ao mesmo conteúdo fundamental. Todavia, as duas acima mencionadas merecem uma atenção particular.

Nelas se manifesta claramente o seu **originário aspecto antropomórfico**:

➤ para indicar a misericórdia divina, os autores bíblicos servem-se dos termos que correspondem à consciência e à experiência dos homens seus contemporâneos.

➤ A **terminologia** grega da versão dos **Setenta apresenta-se com uma riqueza menor do que a hebraica**; não reflete todos os cambiantes semânticos próprios do texto original.

Em todo o caso, o Novo Testamento constrói sobre a riqueza e a profundidade que já caracterizavam o Antigo.

Deste modo, **herdamos** do ANTIGO TESTAMENTO — como que numa síntese especial — não apenas a **riqueza das expressões** usadas por aqueles Livros para definir a misericórdia divina, **mas também uma específica, obviamente antropomórfica, «psicologia» de Deus**:

a impressionante imagem do seu amor que, em contato com o mal e, em particular, com o pecado do homem e do povo, se manifesta como misericórdia.

➤ Esta imagem é composta, mais do que pelo conteúdo, bastante genérico aliás, do verbo **hānan**, sobretudo pelo conteúdo de **hesed** e de **rah^amim**.

➤ O termo **hānan**, exprime um conceito mais amplo: significa a manifestação da graça que comporta, por assim dizer, uma constante predisposição magnânima, benévola e clemente.

Além destes elementos semânticos fundamentais, o conceito de misericórdia no Antigo Testamento **inclui também o conteúdo do verbo hāmal**,

- que literalmente significa «poupar (o inimigo derrotado)»,
- mas também significa «**manifestar piedade e compaixão**» e, por conseguinte, perdão e remissão da culpa.

- O termo **hus** exprime igualmente piedade e compaixão, mas isso sobretudo em sentido afetivo. Estes termos aparecem nos textos bíblicos com menor frequência para indicar a misericórdia.

- É oportuno ainda lembrar o já citado vocábulo **'emet**, que significa: em primeiro lugar «**solidez, segurança**» (no grego dos Setenta, «**verdade**»); e depois, também «**fidelidade**»; e desta maneira parece relacionar-se com o conteúdo semântico próprio do termo **hesed**.

ANEXO 2:

Divis in misericordia

A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO ANALOGIA

5. No limiar do Novo Testamento repercute-se no Evangelho de S. Lucas singular correspondência entre duas vozes que proclamam a misericórdia divina, nas quais ecoa intensamente toda a tradição do Antigo Testamento. Nelas encontram expressão os conteúdos semânticos, ligados à terminologia diferenciada dos Livros Antigos. A primeira destas vozes é a de Maria que, entrando em casa de Zacarias, engrandece o Senhor louvando-O com toda a alma «pela sua misericórdia», da qual se tornam participantes, «de geração em geração», os homens que vivem no temor de Deus. Pouco depois, comemorando a eleição de Israel, proclama a misericórdia, da qual «se recorda» desde sempre Aquele que a escolheu³⁰.

A outra voz é a de Zacarias que, na mesma casa, por ocasião do nascimento de João Batista, seu filho, bendizendo o Deus de Israel, glorifica a misericórdia que Ele quis «usar... para com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança»³¹.

No ensino do próprio Cristo esta imagem, herdada do Antigo Testamento, torna-se mais simples e, ao mesmo tempo, mais profunda. É o que se **manifesta com especial evidência** na parábola do filho pródigo [62], na qual **a essência da misericórdia divina** — embora no texto original não seja usada a palavra «**misericórdia**» — *aparece de modo particularmente límpido*. Contribui para isso, não tanto a terminologia, como nos Livros do Antigo Testamento, mas a **analogia**, que permite *compreender com maior profundidade o próprio mistério de misericórdia, como drama profundo que se desenrola entre o amor do pai e a prodigalidade e o pecado do filho*.

Este filho, que recebe do pai a parte da herança que lhe toca e deixa a casa paterna para esbanjar essa herança numa terra longínqua «vivendo dissolutamente», em certo sentido é o homem de todos os tempos, a começar por aquele

³⁰ Em ambos os casos se trata de **hesed**, isto é, da fidelidade que Deus manifesta ao próprio amor para com o povo, fidelidade às promessas, que encontrarão precisamente na maternidade da Mãe de Deus o seu cumprimento definitivo (cf. Lc 1,49-54).

³¹ Cf. **Lc 1,72**. Também neste caso se trata da misericórdia no significado de **hesed**, ao passo que nas frases seguintes, em que Zacarias fala do «**coração misericordioso do nosso Deus**», é expresso claramente o segundo significado, o de **rah^amim** (tradução latina: *viscera misericordiae*), que identifica prevalentemente a **misericórdia divina com o amor materno**.

que foi o primeiro a perder a herança da graça e da justiça original. ***Neste ponto a analogia é muito vasta.*** Indiretamente a parábola estende-se a todas as rupturas da aliança de amor: a toda a perda da graça, e todo o pecado.

Ao contrário do que acontecia na tradição profética, ***esta analogia, embora se possa estender também a todo o povo de Israel, não o visa em primeiro lugar.***

Aquele filho, «depois de ter esbanjado tudo..., começou a passar privações», tanto mais que sobreveio grande carestia «naquela terra» para onde ele tinha ido depois de abandonar a casa paterna. Em tal situação, «bem desejava matar a fome» com qualquer coisa, até mesmo «com as alfarrobas que os porcos comiam», animais que ele guardava, ao serviço de «um dos habitantes daquela terra». Mas até isso lhe era recusado. ***A analogia desloca-se claramente para o interior do homem.*** A herança que o jovem tinha recebido do pai era constituída por certa quantidade de bens materiais. Mas, mais importante do que esses bens era a sua dignidade de filho na casa paterna. A situação em que veio a encontrar-se quando se viu sem os bens materiais que dissipara, é natural que o tivesse também feito cair na conta da perda dessa dignidade. Quando pediu ao pai que lhe desse a parte de herança que lhe tocava, para se ausentar para longe, não refletiu por certo nisso. ***Parece que nem mesmo agora está bem consciente dessa realidade,*** quando diz para si próprio: «Quantos jornaleiros na casa de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui morro de fome!». Avalia-se a si mesmo pela medida dos bens que tinha perdido e que já «não possui», enquanto os criados na casa de seu pai «continuam a possuí-los». Estas palavras exprimem principalmente a sua atitude perante os bens materiais. No entanto, por detrás delas ***esconde-se também o drama da dignidade perdida, a consciência da condição de filho malbaratada.***

É então que toma a decisão: «Levantar-me-ei, irei ter com o meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como a um dos teus jornaleiros». Tais palavras permitem descobrir mais profundamente o problema essencial. Através da complexa situação material de penúria a que o filho pródigo chegou, por causa da sua leviandade, por causa do pecado, amadureceu nele o sentido da dignidade perdida. ***Quando tomou a decisão de voltar para a casa paterna e de pedir ao pai para ser recebido, não já gozando dos direitos de filho,*** mas na condição de assalariado, o jovem parece à primeira vista agir por motivo da fome e da miséria em que caiu. ***Subjacente*** a esse motivo, porém, está a consciência de perda mais profunda: ser um assalariado na casa do próprio pai é com

certeza grande humilhação e vergonha. Apesar disso, o filho pródigo está disposto a arrostar com tal humilhação e vergonha. Caiu na conta de que já não tem mais direito algum, senão o de ser um empregado na casa do pai. **Esta reflexão**, brota em primeiro lugar da plena consciência da perda que mereceu e do que, doutro modo, poderia vir a possuir. Este raciocínio, precisamente, demonstra que, no âmago da consciência do filho pródigo, se manifesta o sentido da dignidade perdida, daquela dignidade que brota da relação do filho com o pai. Com essa decisão empreendeu o caminho de regresso.

Na parábola do filho pródigo não é usado, nem uma vez sequer, o termo «justiça», assim como também não é usado no texto original, o termo «misericórdia». Contudo, a relação da justiça com o amor que se manifesta como misericórdia aparece profundamente vincada no conteúdo desta parábola evangélica. Torna-se claro que o amor se transforma em misericórdia quando é preciso ir além da norma exata da justiça: norma precisa mas, por vezes, demasiado rigorosa.

O filho pródigo, depois de ter gasto os bens recebidos do pai, ao regressar merece apenas ganhar para viver, trabalhando na casa paterna como empregado e, eventualmente, ir amealhando, pouco a pouco, certa quantidade de bens materiais, mas sem dúvida nunca em quantidade igual aos que tinha esbanjado. Tal seria a exigência da ordem da justiça, até porque aquele filho, com o seu comportamento, não tinha somente dissipado a parte de herança que lhe competia, mas tinha também magoado profundamente e ofendido o pai. Na verdade o seu comportamento, que a seu juízo o tinha privado da dignidade de filho não podia deixar indiferente o pai; devia fazê-lo sofrer e fazer com que se sentisse, de algum modo, envolvido nesse procedimento. Tratava-se com efeito do seu próprio filho, e esta relação não podia ser alienada nem destruída, fosse qual fosse o seu comportamento. **O filho pródigo tem consciência disso, e é precisamente essa consciência que lhe mostra claramente a dignidade perdida e o leva a avaliar corretamente o lugar que ainda lhe poderia tocar na casa do pai".**

6. A fidelidade a si próprio por parte do pai — traço característico já conhecido pelo termo do Antigo Testamento «hesed» — exprime-se de modo particularmente denso de afeto. Lemos, com efeito, que, ao ver o filho pródigo regressar a casa, o pai, «movido de compaixão, correu ao seu encontro, abraçou-o efusivamente e beijou-o». Procede deste modo levado certamente por profundo afeto; e

assim se explica também a sua generosidade para com o filho, generosidade que causará tanta indignação no irmão mais velho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAPA FRANCISCO, TORNIELLI, A., *O nome de Deus é Misericórdia*, (trad., MOURÃO, C.,) São Paulo: Planeta, 2016.

BENTO XVI, enc. *Deus caritas est*, 25.12.2005, São Paulo: Paulinas, 2006³.

JOÃO PAULO II, enc. *Dives in misericordia*, 29.06.1880, São Paulo: Edições CNBB, 2015.

MENDINA J., *Arrependimento. Porta da Misericórdia*, Col. Magistério dos Bispos 4, (trad. CAVALCANTE, H.,) São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2014

GUILLET, J., *et al*, *Palavras de misericórdia*, (trad., Paschotte, J.,) Aparecida, SP: Editora Santuário, 2004⁴.

SISTI A., *Misericordia*, in ROSSANO, P. – RAVASI, G., –GIRLANDA, A., (Eds.), *Nuovo dizionario di teologia biblica*, Milano: Cinisello Balsamo, 1988, 978-984.

NESTLE, E. – ALAND, K., *Novum Testamentum Graece et Latine*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 1984²⁷.

ANCILLI, E., *Misericordia e peccato*, in SARAIVA, M. J., (Ed.), *Dives in misericordia. Commento d'enciclica di Giovanni Paolo II*, Brescia 1981, 305-312.

CAMBIER, J., LEON-DUFOUR, X., *Misericordia*, in LEON-DUFOUR, X., *Dizionario di teologia biblica*, Torino 1972, 699-705.

VIRGULIN, S., *La misericordia nell'Antico Testamento*, in CONCETTI, G., (Ed.), *Dio, ricco di Misericordia*, Roma 1980, 29-39.

BARREIRO, A., *A parábola do Pai misericordioso. À luz do quadro de Rembrandt: o regresso do filho pródigo*, São Paulo: Loyola, 2105⁸.

KASPER, W., *Misericordia. Concetto fondamentale del vangelo - Chiave della vita cristiana*, Brescia: Queriniana, 2015⁶.

_____, *Il messaggio della misericordia*, Inaugurazione dell'Anno Accademico 2014-2015, Università Vita-Salute San Raffaele.

MACKENZIE, J., «Misericórdia» in *Dicionário bíblico*, São Paulo: Edições Paulinas, 1983, 615-618.